

TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: POSSIBILIDADES DE ROTEIROS NA CIDADE DE ARAPIRACA- AL

Rutyelle Nunes Nolasco ¹

RESUMO

O presente trabalho parte de uma análise bibliográfica acerca do trabalho de campo, relacionando a importância que a metodologia apresentou e apresenta ao longo da história da geografia enquanto ciência e posteriormente, disciplina na educação básica. Portanto, possui como principal objetivo contextualizar o trabalho de campo enquanto ferramenta metodológica, e, analisar as possibilidades que a cidade de Arapiraca-AL oferece para a construção e prática desses trabalhos. Assim, durante a pesquisa foram utilizados alguns autores, tais como: (ALENTEJANO, ROCHA-LEÃO 2006) (COLTRINARI, 1998) (STERNBERG, 1946) (LOPES & PONTUSCHKA 2010), entre outros que permeiam os temas: trabalho de campo, geografia e ensino de geografia. Nesse, a partir do estudo proposto pela pesquisa bibliográfica e estudo de caso, verificou-se a importância que o trabalho de campo possui dentro das aulas de geografia, e, a cidade de Arapiraca-AL enquanto facilitadora desses trabalhos, por ser palco de diversos fenômenos evidenciados através dos estudos geográficos.

Palavras-chave: : Trabalho de campo; ensino de geografia; Arapiraca-AL.

INTRODUÇÃO

O lugar representa um importante conceito dentro dos estudos da geografia, todavia, lugares que não representam um grande destaque socioeconômico no Brasil, não estão presentes nos livros didáticos utilizados pelos nossos alunos, e assim, tornando o estudo longe de sua realidade. Nesse sentido, o trabalho de campo surge como uma importante ferramenta para se estudar o espaço que este aluno está inserido, pois, ele poderá presenciar os fenômenos estudados teoricamente na sala de aula, com a realidade dos lugares que serão realizados esses trabalhos. No município de Arapiraca, por exemplo, não localizamos imagens ou textos que retratem o espaço geográfico Alagoano tornando o estudo distante do local de vivência dos discentes. Entendendo a grande importância de se estudar geografia a partir dos espaços de vivência dos alunos e da importância do município de Arapiraca dentro do Estado de Alagoas, entendemos que se faz necessário que nas escolas seja oportunizado aos alunos conhecer seu município em diversos aspectos. Portanto, o trabalho de campo nesta área, pode, então, ser uma grande

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas, rutyellenunes@gmail.com

ferramenta no ensino-aprendizagem das crianças que estão inseridas neste espaço e que não possuem materiais didáticos nas Escolas, sobre o seu contexto local.

Diante do que foi exposto, exemplifica a importância do estudo fora da sala de aula. Pensando nisso, desenvolver um trabalho de campo na segunda maior cidade do estado de Alagoas, é de extrema importância para que os alunos entendam os fenômenos urbanos recorrentes em nossa sociedade, que estão presentes nesta cidade, por isso, este projeto apresenta uma grande relevância aos estudos urbanos no estado de Alagoas, pois, ainda que a cidade de Arapiraca esteja em processo de crescimento, não há registros disso nos livros didáticos usados nas salas de aula, tornando o aluno incapaz de compreender a geografia urbana da própria cidade. Assim, o trabalho possui como principal objetivo a contextualização do trabalho de campo na geografia, bem como analisar as possibilidades que a cidade de Arapiraca-AL oferece para a construção e realização de trabalhos de campo.

Nesse sentido, para a construção deste trabalho utilizou-se a pesquisa bibliográfica como caminho a ser trilhado. Assim, para dissertar sobre o tema proposto foram utilizados autores, tais como: (ALENTEJANO, ROCHA-LEÃO 2006) (COLTRINARI, 1998) (STERNBERG, 1946) (LOPES & PONTUSCHKA 2010), entre outros autores que abordam o tema em suas discussões. Foi utilizada uma abordagem qualitativa, pois, de acordo com Mynaio (2002, p.22) “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Além do levantamento bibliográfico, foi realizado um breve estudo de caso, trazendo a cidade de Arapiraca como possibilidade de conhecimento e estratégias para formação de trabalho de campo.

IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA GEOGRAFIA

O trabalho de campo se manifesta como um instrumento metodológico de ensino e pesquisa, constituindo uma metodologia que engloba a observação, análise e interpretação de fenômenos, e se mostrou intensamente utilizado pela Geografia ao longo de sua história. Este, é utilizado até os dias de hoje, sob diferentes perspectivas e abordagens, a fim de alcançar diferentes objetivos. Aliás, é necessário reafirmar que a sistematização da Geografia muito se deve às várias pesquisas realizadas no campo, por

naturalistas, viajantes e outros, que construíram um conjunto de informações que deram base ao desenvolvimento da Geografia (ALENTEJANO, ROCHA-LEÃO 2006).

Se torna imprescindível ao se discutir a importância do trabalho de campo, mencionarmos a fala de Ruellan (1944, p.45), pois o autor afirma que “desde a origem da Geografia moderna, todos os grandes mestres não seguiram outro método, o único em verdade que pode libertar a produção geográfica do trabalho livresco e do vão palavreiro sem base científica e sem nenhuma relação com a vida do Globo”. Ainda conforme o autor, essa “geografia de gabinete” só serve ao compilador de dados, por isso é necessário ir a campo. Portanto, é necessário que tenhamos o trabalho de campo como um momento de observar e entender as relações espaciais que acontecem a todo momento, e que só ali, conseguimos visualizar tudo aquilo que já estudamos em teoria, entendendo que fazemos parte disso, e não somos apenas espectadores.

Historicamente não há registros que informem como e quando os trabalhos de campo passaram a ser desenvolvidos em cunho didático, ou que esta prática fosse tratada como um instrumento ou metodologia para a coleta de dados. No entanto, Lestinge e Sorrentino (2008, p. 613) mencionam que é possível que “[...] tenham se forjado como espaço de aprendizagem paralelo às viagens dos naturalistas/exploradores atentos que, percebendo a riqueza e diversidade dos sistemas naturais como fonte de conhecimento, tinham, nos auxiliares dos trabalhos de campo, os seus aprendizes”. Portanto, ao longo das viagens e dos numerosos dados que eram recolhidos, os próprios exploradores desempenhavam o papel de mestre, aos seus auxiliares que os acompanhavam na elaboração de seus compêndios.

A partir do exposto, verificamos que o trabalho de campo constituiu a base da construção e sistematização da Geografia, conforme indicado por Alentejano e Rocha-Leão (2006), pois nessas viagens foram criados relatórios de campo com diversas informações sobre o globo.

É notório que o trabalho de campo possuiu diversos tipos de abordagem, trazendo diferentes características ao seu desenvolvimento, sendo utilizado sob diferentes métodos, mostrou-se relevante em dado momento da história, porém, em outros momentos esse método foi deixado de lado, sob a motivação de que já haviam sido

criados pela tecnologia, instrumentos “mais adequados”, conforme nos aponta Alentejano e Rocha-Leão (2006).

Todo este acúmulo foi jogado por terra a partir dos anos 1970, quando no rastro da hegemonia da Geografia Teorético-Quantitativa os trabalhos de campo passaram a ser execrados e praticamente riscados do mapa das práticas dos geógrafos, sob o argumento de que as tecnologias da informação e os modelos matemáticos seriam instrumentos mais adequados para a investigação da realidade. Também no movimento inicial da Geografia crítica, a radicalização crítica ao empirismo dominante na Geografia tradicional levou a uma negação da validade do trabalho de campo como instrumento de construção do pensamento geográfico, em função da ênfase conferida à teoria. (ALENTEJANO; ROCHA-LEÃO, 2006, p. 55).

Nos anos 70 quando surge a Geografia Teorética, não há espaços para “empirismos” como eram vistos os trabalhos de campo naquela época, pois ainda estavam ligados diretamente aos métodos da Geografia Tradicional, onde se pautava em observar e descrever os elementos que constituíam as diversas paisagens. E nesse sentido, é necessário e fundamental ao trabalho de campo a união entre teoria e prática, pois se não existir essa união, não passará de um passeio ou excursão, onde se observa diversos tipos de paisagem, mas pouco se aprenderá sobre ela. Nesse sentido, Coltrinari (1998) afirma que:

Não é só coletar com os olhos, com as mãos ou com instrumentos durante a fase empírica da construção do conhecimento. Sem teorias ou hipóteses na cabeça, o trabalho de campo seja excursão de reconhecimento, campanha periódica para entrevistas ou monitoramento de processos, corre o risco de ser enfadonho e cansativo e, com toda razão, criticado ou rejeitado (COLTRINARI, 1998, p. 104).

Portanto, concordamos com Alentejano e Rocha-Leão (2006, p.53) quando enfatizam que “trabalho de campo é fundamental, mas, se realizado desarticulado do método e da teoria, torna-se banal”. Por isso, é importante destacar que a união entre teoria e prática é o ponto fundamental ao se elaborar, desenvolver e assim, aplicar este método.

Considerando a importância da união entre teoria e prática no desenvolvimento de um trabalho de campo, percebemos o planejamento prévio como um dos primeiros e principais passos a ser seguido. Conforme Cruz (1997, p. 93-94), o planejamento deve conter, entre outros aspectos, “definição de objetivos; preparação de um plano/roteiro e

elaboração de um cronograma”. Assim, o pesquisador/professor conseguirá ter um resultado satisfatório ao final de seus trabalhos de campo.

Nesse sentido, a criação de roteiros, além de auxiliar na articulação entre as dicotomias existentes nos estudos da geografia física e social, ajuda na obtenção de melhores resultados, visto que se apresenta como um “planejamento prévio” (CRUZ, 1997). De acordo com Sternberg (1946) o planejamento e a organização das atividades, podem interferir positiva ou negativamente o desempenho das próximas etapas do trabalho de campo, por isso é dada a importância ao planejamento prévio.

Para obter melhores resultados na realização dos trabalhos geográficos de campo, é necessário: (1) assegurar o preparo técnico do professor e dos estudantes; (2) elaborar o programa de trabalho – determinando o fim visado, as etapas a serem vencidas e os meios a empregar – e tomar as providências administrativas preliminares; (3) selecionar e preparar o equipamento necessário para a realização do trabalho de campo (STERNBERG, 1946, p. 18).

O autor ainda indaga sobre a importância que existe em o pesquisador/professor fazer uma viagem com antecedência, à região onde acontecerá o trabalho de campo (STERNBERG, 1946). Assim, ao conhecer bem a região, o professor/pesquisador terá controle sobre os objetivos determinados para a ida à campo, além de não ficar refém do empirismo, ao ir apenas observar a paisagem. É de extrema importância que seja claro durante o trabalho de que a ida não será apenas para coletas de dados, ou um simples relatório, e é nesse momento que se deve salientar a problematização dos fenômenos encontrados naquele lugar.

Portanto, é notório que o trabalho de campo foi e ainda é um método extremamente importante na construção e no ensino de saberes geográficos, mas, que para além do método, é necessário que o professor/pesquisador tenha um planejamento prévio e coerente com o determinado campo que será feito, para que não se torne algo banal. Para Rodrigues e Otaviano (2001) “O trabalho de campo não pode ser de fato, apenas a oportunidade para romper com a rotina cotidiana da sala de aula.”

TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

No ensino de Geografia, o trabalho de campo se apresenta como uma atividade de pesquisa, aliando-se aos estudos realizados anteriormente em sala de aula. O lugar a ser escolhido para este trabalho será definido de acordo com o conteúdo-tema que está sendo trabalhado com aquela determinada turma, sendo este lugar o foco das investigações realizadas durante a ida a campo. O aluno irá a campo com um olhar observador, no intuito de analisar as paisagens ali encontradas, entrevistar possíveis moradores ou pessoas cujo seus trajetos permeiam aquele lugar.

“...durante o trabalho de campo, educadores e educando devem submergir no cotidiano do espaço a ser pesquisado, buscando estabelecer um rico diálogo com o espaço e, na condição de pesquisadores, com eles mesmos. É o momento de descobrir que o meio ou o espaço, na interrelação de processos naturais e sociais, é uma Geografia viva.” (LOPES & PONTUSCHKA, 2010, p.30)

Assim, durante o trabalho de campo, o professor/orientador poderá trabalhar os procedimentos de estudos geográficos, assim especificados pelas PCN's. Portanto “A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares” (BRASIL/PCN, 1998, p. 30).

Ainda assim, os autores Alentejano e Rocha-Leão (2006, p. 64) levantam um questionamento importante, sobre o trabalho de campo “trata-se de um movimento positivo de retomada de uma tradicional ferramenta da Geografia? Ou é mera banalização, parte de um mundo onde a imagem e a paisagem são valorizadas em si mesmas, como fetiches?”. A partir do exposto, é necessário que fiquemos atentos ao uso dessas ferramentas, para que não caiamos no “uso banal”, pois, nos apoiamos na primeira parte do questionamento, onde o vemos de forma positiva, pois o temos como uma prática importante no processo de ensino e aprendizagem em Geografia, principalmente na educação básica.

É necessário e deve estar presente nos principais fundamentos da elaboração de um trabalho de campo, a adoção de objetivos e especificações diferentes de acordo com a série e tema que serão trabalhados, conforme Ruellan (1944, p. 35) “uma excursão geográfica de alunos do ensino primário não poderia ter o mesmo programa e os mesmos

métodos que a destinada a alunos dos últimos anos do ensino secundário e ainda menos que excursões para estudantes candidatos à licença”. Portanto, cabe ao professor identificar os melhores lugares para realizar as idas a campo, de acordo com seu público-alvo.

Cabe aqui também, discutirmos sobre a importância dos trabalhos de campo estarem articulados com os conteúdos curriculares (ALENTEJANO, ROCHA-LEÃO, 2006). Ainda seguindo este pensamento, Castellar e Vilhena (2019, p.7) indagam que “o trabalho de campo é um momento especial para o aluno na medida em que o professor pode articular os aspectos teóricos do conteúdo desenvolvidos em sala de aula com observação dos fenômenos e objetos do lugar em questão”. Para além do mencionado, o método contribui para a aproximação do aluno ao espaço vivido, pois muitas vezes esse espaço, que o aluno possui grande conhecimento, é descartado durante as aulas de Geografia, dando prioridade a paisagens e lugares distantes, que possuem mais importância regionalmente ou nacionalmente.

A partir do exposto, identificamos que o trabalho de campo possibilita ao aluno, nas aulas de Geografia, durante a leitura do seu lugar, compreende-lo, para a partir deste, entender o mundo (CALLAI, 2017). Pois, como já mencionamos anteriormente, muitas vezes o lugar que o aluno está inserido é desvalorizado durante as aulas, fazendo ele crer que paisagens bonitas e importantes só são aquelas que estão distantes do seu cotidiano.

E mesmo que, todos os dias, o educando presencie diferentes paisagens que expressam a realidade do seu lugar, ao entrar na sala de aula, este espaço observado e vivido, é descartado nas aulas de Geografia. Devemos inclusive mencionarmos a importância do conhecimento prévio dos alunos, principalmente daqueles que precisam percorrer um longo trajeto entre zona rural à zona urbana, que todos os dias se depara com as mudanças das paisagens durante sua ida e volta da escola, e que em muitas vezes não é levado em consideração.

POSSIBILIDADES DE ROTEIROS NA CIDADE DE ARAPIRACA-AL

A cidade de Arapiraca encontra-se localizada na porção central do estado de Alagoas, na Microrregião do Agreste, sendo a mesma, a cidade pólo da microrregião. O

município está a 133 km da capital do estado, Maceió e compreende uma área de 345,655 km². Por anos foi considerada a capital do fumo, a cidade passou muitos anos sendo uma das principais em plantio e comercialização do fumo, mas, a partir dos anos 90 a cultura entrou em declínio por diversos fatores, tais como:

a oscilação dos preços no mercado internacional aonde o fumo já chegou a ser vendido por 3 dólares e hoje dificilmente é vendido por 1,50 dólares; o enfraquecimento dos solos pela constante adubação química requer uma mudança de plantio para que haja uma recomposição e não haja o esgotamento (OLIVEIRA;OLIVEIRA, p.31, 2018)”

Assim, após o declínio da cultura fumageira, a principal economia de Arapiraca se tornou o comércio. Sua localização, traz um grande fluxo de pessoas, diariamente, aquecendo o setor de serviços e, em muitas vezes, a rede hoteleira. A cidade atende uma demanda muito grande das cidades circunvizinhas, no comércio, saúde e em alguns casos, na educação. Conseguindo atender muitas vezes municípios de outras microrregiões, que vêm em Arapiraca, um lugar que possui muitos centros especializados em diversas áreas, isto é a oferta mais robusta de serviços e comércio variados. Nesse sentido, é notório que a cidade passou por muitas transformações em sua paisagem urbana, desde a crise fumageira, acarretando o êxodo rural, levando o aumento na malha urbana, onde podemos enxergar nitidamente as principais mudanças na paisagem local.

A partir do exposto, é notório que há diversos lugares que podemos explorar a partir de aulas de campo, nessa cidade, e assim, permitir que o aluno consiga relacionar os temas estudados em sala de aula com seu local de vivência.

Roteiro 01- Centro de Arapiraca

Para a Geografia, a paisagem não é só aquilo que vemos e achamos bonito, por exemplo: uma cachoeira, uma praia, algo estático, mas que ela apresenta um conjunto elementos naturais e culturais, que somados, constroem a paisagem que vemos e percebemos. Inicialmente o professor irá trabalhar o conteúdo sobre paisagem, explicando aos alunos o que é a paisagem para a Geografia, os elementos que estão inseridos e os tipos de paisagens. Durante a aula, esse processo anterior ao campo, dará ao professor o tempo de preparar o aluno para a aula de campo, assim como, estruturar os pontos que serão analisados durante o roteiro escolhido.

O conteúdo apresentado trabalha, conforme a BNCC, a habilidade: **(EF06GE01)** “Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos”.

Nesta aula de campo será feita a análise acerca das principais mudanças ocorridas na paisagem do centro da cidade, o professor/orientador poderá levar os alunos a alguns pontos da cidade que exprimem as principais mudanças ocorridas ao longo dos anos, neste caso, utilizamos como base para comparação fotos antigas dos mesmos pontos do roteiro escolhido, encontradas no museu Zezito Guedes ou virtualmente no site da prefeitura de Arapiraca. Nesse sentido, ao utilizarmos imagens para fazer a comparação dos locais analisados, é importante que o professor apresente ao aluno os “planos da paisagem”, assim, o aluno poderá enumerar os planos que existem naquela imagem, e percebe-los iguais ou modificados, quando estiver no local. Além disso, durante a aula de campo, o professor poderá discutir acerca dos impactos das modificações que ocorreram naquele espaço, podendo também pedir aos alunos para que listem os elementos denominados de “naturais” da imagem antiga do local, e dos elementos naturais que ainda existem ali. E também, da mesma forma, uma lista acerca dos elementos “culturais” ou “humanizados” que mostram efetivamente as modificações realizadas pelos seres humanos. Após retornarem à escola, para iniciar uma discussão acerca dos dados levantados durante a aula de campo, o professor poderá proferir as seguintes questões:

- 1- O que mudou na paisagem analisada, ao longo dos anos?
- 2- Quais elementos daquela paisagem que existiam e não existem mais?
- 3- Algum lugar teve sua função alterada? Algum local residencial que passou a ser comercial?

Público alvo: alunos de 6º ano, estudo do conceito PAISAGEM não como fotografia, mas como processo.

Figura 1 – Representação do Roteiro da aula de campo no centro da cidade de Arapiraca



Fonte: Google Earth Pro (2021)

Elaboração: Rutyelle Nunes Nolasco

Roteiro 02: Parque Ceci Cunha

Na Geografia, ao trabalharmos o conteúdo Hidrografia, abordamos as porções de água doce que se encontram nos continentes, entre elas, os rios, os lagos, as geleiras e as águas subterrâneas. Assim, inicialmente o professor abordará no conteúdo programático, durante algumas aulas anteriores a realização do campo o tema: Rios. Explicando o que são e a importância que eles representam para a sociedade.

O conteúdo apresentado trabalha, conforme a BNCC, as habilidades: **(EF06GE04)** “Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente rural e urbano, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal”. **(EF06GE12)** “Identificar o consumo dos recursos hídrico e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações no ambiente urbano”.

Nesta aula de campo será feita a análise do riacho seco, este pequeno rio que nasce nas proximidades da cidade de Arapiraca, corta toda a cidade e só é “barrado” nas proximidades do povoado Bananeiras. Após as aulas onde estudaríamos o conceito de bacia hidrográfica, identificaríamos a nascente do riacho e qual caminho ele percorre no município. Objetiva-se também nesta aula compreender os principais problemas enfrentados ao longo do curso do rio no limite do parque Ceci Cunha. Durante esta aula

os alunos poderão entrevistar moradores e pessoas que passam no local naquele momento, procurando compreender se os entrevistados sabem da existência daquele rio, e a importância que ele possui para a cidade. Após retornarem à escola, o professor poderá fazer uma roda de conversa e iniciar uma discussão acerca do uso e percepção do rio analisado, pela população que vive ao seu redor.

Público alvo: alunos do 6º ano, bacias hidrográficas.

Figura 2 – Representação do Roteiro da aula de campo no Parque Ceci Cunha



Fonte: Google Earth Pro (2021)

Elaboração: Rutyelle Nunes Nolasco

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, torna-se evidente a importância do uso do trabalho de campo como recurso metodológico nas aulas de geografia, e para além disso, a ferramenta possibilita o estudo acerca do espaço de vivência do aluno, que por muitas vezes é deixado de lado, por não conter nos materiais de apoio utilizados dentro da sala de aula pelo professor. A pesquisa também evidencia que a ferramenta está presente na ciência geográfica desde os primórdios, na época das grandes navegações, o homem ia a campo para (re)conhecer os ambientes novos que encontravam, e foi através de excursões, trabalhos de campo, e todo o material que foi construído ao longo dos anos, que

conseguimos entender o mundo em que vivemos, pois, alguém foi em cada parte do nosso planeta e descreveu tudo que viam ao chegar nesses lugares.

Além do mencionado, é importante enfatizarmos e impulsionarmos o estudo do meio onde nossos alunos estão inseridos, pois, a partir do estudo dos fenômenos que acontecem ao seu redor, o aluno poderá entender com maior propriedade quando esses fenômenos forem alencados a outros lugares.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. **Trabalho de campo:** uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado. Boletim Oaulista de Geografia, São Paulo, nº 84, p. 51-57, 2006.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo.** In: CASTROGIOVANNI, Antônio (Org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2017.

CASTELLAR, Sônia. **Ensino de Geografia.** Sônia Castellar, Gerusa Vilhena – São Paulo: Cengage Learning, 2019.

COLTRINARI, Lylian. **O trabalho de campo na geografia do século XXI.** Geosp, São Paulo, n. 4, p. 103-108, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia Arizada. **Os Caminhos da Pesquisa de Campo em Geografia.** GEOUSP, São Paulo, v. 01, nº 1, p. 93-97, 1997.

LESTINGE, Sandra; SORRENTINO, Marcos. **As contribuições a partir do olhar atento:** estudos do meio e a educação para a vida. Ciência & Educação, v. 14, n. 3, p. 601-19, 2008.

LOPES, Claudivan Sanches e PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Estudo do Meio:** fundamentos e estratégias. Maringá: Eduem, 2010 (Coleção Fundamentum).

OLIVEIRA, Moisés Calu de; OLIVEIRA, Adelmiran Silva de (orgs). **Arapiraca:** resumo antropogeográfico (1970-2000). 2. ed. Arapiraca: Eduneal, 2018.

OTAVIANO, C. A. e RODRIGUES, A. B. **Guia Metodológico de trabalhos de Campo em Geografia.** Geografia, Londrina, v.10, n. 1, p. 35-43, jan./jun.2001.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Geografia. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RUELLAN, Francis. **O trabalho de campo nas pesquisas originais de Geografia Regional.** Revista Brasileira de Geografia, jan./mar. 1944, p. 37-45.

STERNBERG, H. O'Reilly. **Contribuição ao ensino de Geografia:** o trabalho de campo na Geografia e o laboratório de Geografia e o equipamento didático. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.